



VERTENTES DO INSÓLITO JAPONÊS – MANIFESTAÇÕES DE SUBLIME E *UNCANNY* EM *KIMI NI TODOKE*, DE KARUHO SHIINA¹

7

**Aspects of the unusual Japanese –
manifestations of sublime and uncanny
in *Kimi ni todoke*, by Karuho Shiina**

AUTORA: Samara Souza Da Silva

Enviado: 13/04/2024

Aceito: 02/12/2024

Samara Souza Da Silva

Doutoranda em Literatura pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Mestre em Letras pela Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará (UNIFESSPA), com experiência em crítica literária, estudos de gênero, mangás e quadrinhos, literatura gótica, literatura de viagens, literatura e psicanálise, além do ensino de língua e literatura. Atualmente é Professora Substituta na Faculdade de Línguas Estrangeiras e Tradução (FALET/UNIFESSPA).

Resumo

O presente artigo tem como objetivo analisar as vertentes do insólito encontradas na narrativa em quadrinhos, *Kimi ni todoke*, de Karuho Shiina, com enfoque nas manifestações de sublime e *uncanny*. Para tanto, foi realizada uma pesquisa bibliográfica que abordou conceitos chave relacionados ao insólito, sublime e *uncanny* na narrativa literária em quadrinhos, bem como uma análise textual detalhada da referida obra. Os resultados revelam que a presença desses elementos contribui significativamente para a construção da atmosfera e dos temas abordados na história, oferecendo uma perspectiva única sobre a cultura e a estética japonesas. Além disso, a investigação sobre tais manifestações de vertentes do insólito enriquece a compreensão dos leitores sobre as técnicas estilísticas empregadas por Karuho Shiina e a maneira como elas são percebidas dentro do contexto cultural japonês. Conclui-se, portanto, que a análise acerca do sublime e *uncanny* em *Kimi ni todoke* proporciona insights importantes para o estudo da literatura japonesa contemporânea e para a compreensão das complexidades da mente humana.

Palavras-chaves: Sublime; *Uncanny*; mangá

¹ Este artigo é um recorte da pesquisa de mestrado do autor.





Abstract

This article aims to analyze the unusual aspects found in the comic narrative, *Kimi ni todoke*, by Karuho Shiina, focusing on the manifestations of sublime and uncanny. To this end, a bibliographical research was carried out that addressed key concepts related to the unusual, sublime and uncanny in the literary narrative in comics, as well as a detailed textual analysis of the aforementioned work. The results reveal that the presence of these elements contributes significantly to the construction of the atmosphere and themes covered in the story, offering a unique perspective on Japanese culture and aesthetics. Furthermore, the investigation into such manifestations of unusual aspects enriches readers' understanding of the stylistic techniques used by Karuho Shiina and the way they are perceived within the Japanese cultural context. It is concluded, therefore, that the analysis of the sublime and uncanny in *Kimi ni todoke* provides important insights for the study of contemporary Japanese literature and for understanding the complexities of the human mind.

Keywords: Sublime; *Uncanny*; manga.

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

O mundo do mangá, uma forma distinta de expressão artística que floresceu no Japão e se tornou uma influência global, e está repleto por uma variedade de temas, estilos e narrativas complexas. Entre esses temas, dois conceitos estéticos do insólito têm recebido certa atenção: o Sublime e o *Uncanny*. O Sublime, caracterizado pela sensação de admiração misturada com uma certa dose de temor diante do vasto, do incompreensível e do grandioso, e o *Uncanny*, que evoca uma sensação de estranheza e familiaridade simultâneas, têm sido explorados em diversas formas de arte ao longo da história. No entanto, a sua presença e manifestação específicas no meio do mangá oferecem um terreno fértil para uma análise aprofundada e uma compreensão mais ampla de como esses conceitos são empregados e interpretados em um contexto visual e narrativo único.

Neste artigo, busca-se mergulhar nas intrincadas conexões entre os elementos sublime, e *uncanny* no mangá shōjo, *Kimi ni todoke*, explorando como esses elementos se entrelaçam e se manifestam em diversas obras da demografia. Ao examinar exemplos selecionados de mangás que incorporam essas temáticas de maneiras distintas, se pretende desvendar as técnicas narrativas, visuais e simbólicas utilizadas pela mangaká para evocar sensações de admiração, medo, estranheza e fascínio nos leitores. Além disso, é analisado como esses elementos contribuem para a construção de significados mais profundos dentro da obra, influenciando a forma como os leitores percebem e interpretam o mundo fictício apresentado.





Por meio dessa análise, se espera não apenas oferecer insights sobre a intersecção entre arte visual, literatura, filosofia e psicologia, mas também destacar a riqueza e a complexidade do meio dos mangás shōjos como uma forma de expressão artística que continua a desafiar e inspirar tanto os criadores quanto os apreciadores ao redor do mundo.

MANGÁS: CONTEXTUALIZAÇÕES HISTÓRICAS

Para compreender a natureza do mangá como um gênero textual que utiliza uma variedade de representações visuais, iremos nos concentrar nos estudos de Sonia Luyten (2012), os quais exploram a história, expansão e globalização dos mangás. Nesses estudos, Luyten oferece uma visão abrangente das diversas categorias de histórias em quadrinhos japonesas, juntamente com seus respectivos públicos-alvo. Inicialmente, as categorias são delineadas com base em gênero e faixa etária, abrangendo desde as revistas masculinas (Shōnen mangás), voltadas para jovens rapazes, até as revistas femininas (Shōjo mangás), destinadas às adolescentes do sexo feminino. De acordo com Luyten:

Revistas femininas *Shojo mangá* é a designação para as revistas femininas que constituem hoje o grande sucesso de vendas no Japão com aproximadamente 45 títulos diferentes. [...]. São destinadas à faixa etária dos 12 aos 17 anos (ou até mais), e seu êxito se deve, de um lado, à identificação entre as leitoras e as histórias, que são feitas por mulheres, e, de outro, ao traço delicado e suave do desenho (LUYTEN, 2012, p. 40).

A disseminação da palavra ocorreu apenas no início do século XX. Conforme Luyten, “[o] termo mangá só se tornou popular no começo deste século por intermédio do desenhista Rakuten Kitazawa, que se empenhou em sua popularização, uma vez que já tinha sido cunhado por Hokusai, famoso xilogravurista da arte *ukiyo-ê*.” (2012, p. 32).² Após a consolidação do termo, surgiu a necessidade de criar as chamadas demografias³, que estabelecem as diversas categorias editoriais no Japão. Essas divisões delineiam certas características específicas e o público ideal para cada tipo de mangá, porém não são inflexíveis ou restritivas, ou seja, não excluem a possibilidade de outros públicos se envolverem com a narrativa. Cada leitor ou leitora oferece uma nova perspectiva interativa e, de maneira criativa, contribui para a evolução deste material. Essa segmentação do público leitor pode ser vista como uma das estratégias adotadas pelo mercado editorial para manter a separação entre mulheres e homens.

² Anteriormente, o termo mangá era usado para definir um tipo de estamperia japonesa que se assemelha à xilogravura, desenvolvida no Japão nos séculos XVII e XX.

³ É o termo usado para identificar a faixa etária e gênero (feminino e masculino) ao qual o mangá pertence.





É importante ressaltar que essa distinção não se restringe apenas aos mangás, mas está presente na sociedade japonesa como um todo, onde as mulheres muitas vezes são relegadas a um papel secundário, com suas escolhas moldadas a partir de uma perspectiva androcêntrica que determina os papéis e funções femininas.

No shōjo *Kimi ni Todoke*, de Karuho Shiina, tanto na versão em quadrinhos quanto na animação, o público-alvo são os jovens colegiais, que podem se identificar com a vida da protagonista e dos demais personagens, todos estudantes. Quanto à demografia dos shōjo mangás, Luyten declara que:

As revistas femininas que vendem sonho e fantasia em doses homeopáticas semanais dentro do clima de romantismo que as caracteriza. Há nelas todos os ingredientes para atrair o público adolescente feminino. As capas das revistas são o cartão de visita, a entrada para esse universo idealizado, com sugestivas tonalidades rosa e pastel, pano de fundo para o desenho de graciosas meninas de sorriso meigo e convidativo (LUYTEN, 2012, p. 40-41).

No contexto específico de *Kimi ni Todoke*, a autora incorpora um elemento sobrenatural ao universo romântico de fantasia adolescente ao dotar a personagem principal, Kuronuma Sawako, com uma aparência fantasmagórica remanescente das características físicas da personagem Sadako. Este elemento acrescenta uma dimensão assustadora à narrativa, diferenciando-a do típico shōjo. Enquanto na cultura ocidental o sobrenatural tende a ser associado ao Mal, conforme os preceitos do Cristianismo, nas culturas orientais, a visão é mais complexa. No caso da cultura japonesa, essa perspectiva é largamente influenciada pelo seu rico universo mitológico, no qual as entidades sobrenaturais podem assumir tanto papéis benevolentes quanto malignos, dependendo das ações das personagens envolvidas. Mangás e animês são herdeiros dessa rica tradição narrativa milenar, representando de forma contemporânea essa mitologia. Luyten argumenta que:

Talvez o aspecto mais intrigante dos animês e dos mangás é a ênfase no sobrenatural – de ordem psíquica ou espiritual. Ambos exploram abundantemente esse filão, tratando-o de forma diversa da do ocidente. No Japão, por exemplo, a crença popular inclui espécies de fantasmas como as almas de pessoas que se suicidaram ou de crianças que foram abortadas, ou simplesmente de antepassados. No mundo dos mangás e animês o sobrenatural é visto não como algo horrível, aterrorizante ou ridículo, mas como uma coisa que pode ser usada, respeitada e até pode ser engraçada. A fonte inspiradora para os desenhistas japoneses vem, sem dúvida, da China, que influenciou o Japão no cultivo do arroz, no uso da escrita pictográfica, na religião, na cultura e nas artes [...] (LUYTEN, 2012, p.180).





Neste artigo, destaca-se a experiência da manifestação do sublime e do uncanny vivenciadas pela personagem feminina Kuronuma Sawakp, as quais impactam diretamente em seu desenvolvimento. Em suma, o enredo de *Kimi ni Todoke* (2011) apresenta várias situações que envolvem elementos do fantástico, do imaginário e do gótico. No entanto, este texto se concentra em delimitar a personagem principal feminina como objeto de estudo.

SOBRE O SUBLIME

Segundo Edmund Burke, tudo que tem o potencial de evocar ideias de dor e perigo, ou seja, tudo que é de alguma forma terrível ou relacionado a objetos terríveis, ou ainda que atua de maneira semelhante ao terror, constitui uma fonte do sublime (1993, p. 48). A concepção de Burke sobre o que constitui essa fonte para a manifestação do sublime lança luz sobre diversos pontos a serem explorados nesta seção. Em sua obra “Uma Investigação Filosófica sobre a Origem de Nossas Ideias do Sublime e do Belo”, Burke analisa as situações que desencadeiam a manifestação do sublime por meio das ações da sociedade e da natureza, dividindo seu livro em seções. A primeira parte da obra é composta por dezenove seções, onde são abordadas diversas relações, incluindo a novidade, dor e prazer, e a diferença entre a cessação da dor e o prazer positivo. Destaca-se a seção XVIII, na qual Burke recapitula sobre a autopreservação. De acordo com ele:

[...] As paixões relativas à autopreservação derivam da dor e do perigo; elas são meramente dolorosas quando suas causas afetam-nos de modo imediato, são deliciosas quando temos uma ideia de dor e de perigo, sem que a elas estejamos realmente expostos; não chamei esse deleite de prazer, porque ele nasce da dor e porque é muito diferente de uma ideia de prazer positivo. Chamo de sublime tudo que incita esse deleite. As paixões pertencentes à autopreservação são as mais fortes de todas (BURKE, 1993, p. 58)

Na segunda parte do livro, o autor prossegue com as discussões estabelecidas anteriormente. Inicialmente, na primeira seção, é abordada a questão da paixão provocada pelo sublime. Nessa análise, explora-se como a alma reage diante da grandiosidade que emana da natureza, sendo o assombro a fonte primordial do sublime. Assim, por meio da experiência e do sentimento sublime, tanto a literatura quanto a arte são instigadas a reavaliar suas fronteiras propostas. Isso se deve ao fato de que o sublime, em sua amplitude, carrega consigo a melancolia, o sofrimento pela ausência de algo ou alguém, e as limitações de maneira nostálgica.





A experiência sublime coloca o indivíduo diante de uma grandiosidade quase irreal, escapando à sua compreensão, uma vez que ele reflete sobre ela. Esta grandiosidade pode estar relacionada a fenômenos naturais, eventos sublimes, como tempestades, mas também pode envolver grandezas insondáveis que desafiam a compreensão humana, uma vez que esta está limitada ao finito. Esta precisão confrontada pela possibilidade do infinito, que desafia a mente humana, uma vez que a impossibilidade de medição está intrinsecamente ligada à contemplação do indivíduo, que tem a capacidade de perceber algo além de sua compreensão. A ideia de um objeto sendo maior do que a capacidade de entendê-lo gera uma angústia, medo e terror, desencadeados pela inquietação e pelo espanto diante dessa magnitude.

SOBRE O *UNCANNY*

No ensaio intitulado “O Inquietante” (em inglês: “The Uncanny”), de 1919, Sigmund Freud explora a associação do termo “Inquietante” com a esfera do assustador, desencadeando sentimentos de angústia, temor e horror. No entanto, Freud observa que esse termo não é facilmente definido, pois se fosse, abrangeria tudo o que geralmente causa medo. Para ele, o “Inquietante” está ligado ao terrível, àquilo que desperta angústia e horror, mas sua definição não é fixa, muitas vezes sobrepondo-se ao angustiante em geral (FREUD, 2010, p. 329). O “Inquietante” (Uncanny) representa uma categoria peculiar do assustador, referindo-se a algo estranhamente familiar. Freud utiliza a palavra alemã “Unheimlich” [não familiar], que contraditoriamente se opõe a “heimlich” [doméstico], derivado de “heimisch” [nativo] e, por sua vez, do que é familiar.

Freud, ao estabelecer o conceito, menciona que: “Pode-se apenas dizer que algo novo torna-se facilmente assustador e inquietante; algumas coisas novas são assustadoras, certamente não todas. Algo tem de ser acrescentado ao novo e não-familiar, a fim de torna-lo inquietante” (FREUD, 2010, p. 331-332).





Umberto Eco defende a tese de que: “Freud reconhecia que sua identificação do inquietante com o retorno do recaiado referia-se à experiência cotidiana, mas que, na arte, ‘para obter efeitos inquietantes, existe uma quantidade de meios dos quais a vida não pode dispor’” (ECO, 2007, p.320). Segundo Eco, a ideia do conceito de inquietante, como discutido por Freud em seu ensaio, já estava em circulação na Alemanha há algum tempo. A descoberta ocorreu por meio da definição apresentada por Schelling em um dicionário, que menciona que:

Unheimliche é tudo que deveria permanecer secreto, escondido e, no entanto, reafiora. Em 1906, Ernst Jentsch escreveu o seu *Psychologie des Unheimlichen*, definindo-o como alguma coisa de inusitado, que provoca “incerteza intelectual” e diante da qual “não se entende mais nada”. Freud discorria a respeito da etimologia do termo, examinando um campo semântico que compreende, em várias línguas, noções como estranho ou estrangeiro, em grego; uneasy, uncanny, ghastly, haunted (para uma casa), em inglês; inquiétant, sinistre, lúgubre, mal à son aise, em francês; sospechoso, siniestro, em espanhol; demoníaco e horrendo, no árabe e no hebraico; e por fim, desconfortável, que suscita trepidante horror, horripilante, que pode ser dito de um fantasma, da névoa, da noite, da rigidez de uma figura de pedra... (ECO, 2007, p.311)

De acordo com Torres, Freud conceitua o termo uncanny como um fenômeno dentro da esfera da estética, caracterizando-o como a coexistência de duas esferas que, embora não sejam opostas entre si, permanecem separadas: uma relacionada a ideias familiares e reconfortantes, e a outra ao que é misterioso, desconhecido e mantido oculto. Assim, enquanto por um lado há a sensação de algo familiar e agradável, por outro, há a conotação de algo que permanece escondido e fora do alcance da visão.

No que diz respeito ao significado de “uncanny” no contexto literário, Freud o concebe como sendo consideravelmente mais abrangente do que em outros domínios. Isso ocorre porque na literatura há uma gama mais ampla de situações que podem ser caracterizadas como “uncanny”, situações estas que seriam impossíveis de ocorrer fora da ficção. Ao mesmo tempo, algumas situações na literatura podem não ser percebidas como “uncanny”, mas se ocorressem na vida real, seriam consideradas como tal. Isso se deve ao fato de que, no âmbito da fantasia, a realização de tais eventos implica uma ruptura com a realidade. A manifestação do “uncanny” depende, portanto, da forma como o escritor conduz a narrativa, decidindo se irá afastar ou aproximar a realidade daquilo que nos é familiar.



MANIFESTAÇÕES DO INSÓLITO NA PERSONAGEM PRINCIPAL DE *KIMI NI TODOKE*



Karuho descreve sua protagonista com detalhes singulares e marcantes “*Sawako Kuronuma 15 anos...Cabelo totalmente negro e longo. Pele pálida mesmo no verão. Sua frase favorita é... ‘um dia de cada vez’*” (KARUHO, 2011, p. 3). A partir dessas características, é evidente que “*Kimi ni Todoke*”, de Karuho Shiina, reflete os princípios delineados por Edmund Burke no século XVIII. Isso se dá pelo fato de que a protagonista se desenvolve integralmente a partir da obscuridade de sua aparência e dos elementos naturais presentes na narrativa em quadinhos. De acordo com Burke,

Para tornar algo extremamente terrível, a obscuridade parece ser, em geral necessária quando temos conhecimento de todo a extensão de um perigo quando conseguimos que nossos olhos a ele se acostumem, boa parte da apreensão desaparece. Qualquer pessoa poderá perceber isso, se refletir o quão intensamente a noite contribui para o nosso temor em todos os casos de perigo e o quanto as crenças em fantasmas e duendes dos quais ninguém pode formar ideias precisas, afetam o espírito que dão crédito aos contos populares sobre tais seres [...] (BURKE, 1993, p. 67).

Ao examinar as concepções de Burke sobre o sublime, é possível identificar no mangá certos elementos que evocam o sublime, destacando-se aqui a obscuridade como um fator condutor desse sentimento, que por sua vez leva ao gótico. Dessa forma, ao transpor a narrativa de Karuho para os estudos de Burke, os princípios que permeiam o sublime são claramente delineados na obra, abrangendo aspectos como obscuridade, grandiosidade, dor, prazer, autopreservação, beleza, terror, entre outros.

Nas primeiras páginas do mangá, é apresentada a percepção dos colegas de escola em relação a Sawako. A linguagem visual de Karuho Shiina retrata de forma vívida o ambiente sublime e as referências à natureza, como a escolha de um cenário noturno na floresta. Além disso, as características físicas da protagonista são descritas de maneira reminescente aos filmes clássicos de terror japonês. Na adaptação animada do mangá, a imersão no ambiente sublime é ainda mais profunda, destacando-se imediatamente os elementos característicos do gótico.

No mangá, a ambientação obscura da floresta se destaca como elemento central para o desenvolvimento do sublime na narrativa em quadinhos. Essas escolhas constituem uma estratégia para cativar o leitor, que busca algo que reforce suas crenças no sobrenatural. Ao longo da história, a explicação sobre a origem do nome “Sadako” é apresentada, permitindo ao leitor compreender os motivos que levaram os colegas a atribuírem esse novo nome a Sawako. A referência vem do clássico filme de terror japonês *Ringu*, uma adaptação do livro homônimo de Koji Suzuki, lançado em 1991.



Nas imagens a seguir, a personagem participa de um teste de coragem na escola, onde todos esperam que ela desempenhe o papel de um fantasma. Essa expectativa, de acordo com Burke, atribui credibilidade aos contos populares sobre fantasmas e seres mágicos. Sawako, nesse contexto, se esforça para agradar a todos e não se importa com a possibilidade de ser vista como capaz de lançar feitiços ou maldições. A linguagem visual do mangá, em sua avaliação, parece se adaptar conforme o desenvolvimento da personagem. Isso só se torna possível quando a autora decide aprimorar sua narrativa, transformando o ambiente noturno na floresta em algo mais sombrio na obra. Nesse sentido, características negativas são atribuídas à aparência de Sawako, e sua postura sugere ao leitor a imersão no momento de fantasia que a protagonista encarna, culminando no ápice da obscuridade sublime através das estratégias persuasivas utilizadas pela mangaká.

Figura 1 – Figura fantasmagórica



Fonte: (Karuho Shiina, 2011, p. 34-35)⁴

⁴ Todas as imagens do mangá *Kimi ni todoke* são da edição em português publicado pela Panini. As imagens são usadas aqui para fins de ilustração do argumento, nós as colocamos à disposição do público apenas enquanto citação ou referência à obra original. Este artigo tem fins educacionais e gratuita, de modo que imagens utilizadas pertencem ao autor e aos que lhe são conexos (Lei nº 9.610/1998).

A mente da protagonista está em frenesi, incapaz de conter as múltiplas possibilidades que poderiam surgir se ela satisfizesse todas as expectativas dos colegas, dando a impressão de possuir ou controlar poderes sobrenaturais. Seus pensamentos ultrapassam os limites da racionalidade, e a qualquer momento ela poderia ceder aos desejos dos outros sem considerar os seus próprios. Essa busca incessante por aceitação poderia ser interpretada de maneira crítica por um observador externo. A preocupação de Kuronuma talvez só pudesse ser compreendida no seu interior, onde não há julgamento externo. A escolha de uma ambientação mais sombria parece feita para aproximar-se dos elementos que evocam o sublime, permitindo ao leitor uma imersão mais profunda na cena, enquanto a protagonista demonstra como pode assumir esse papel sombrio mesmo em uma atividade escolar.

Figura 2 – Natureza sublime



Fonte: (Karuho Shiina, 2011, p. 36)

Ao examinar as cenas na floresta, é evidente que a noite, simbolizando as trevas, e a Lua, representando a luz, provocam o efeito sublime da luminosidade em contraste com a escuridão, conforme interpretado por Burke.





[...] Uma transição brusca da luz para as trevas, ou destas para a luz causa um efeito ainda maior. Mas as trevas são mais fecundas de ideias sublimes do que a luz. [...] A luz excessiva ao ofuscar a vista, oblitera todos os objetos, fazendo com que seu efeito se assemelhe exatamente ao das trevas. Depois de olhar durante algum tempo para o sol, duas manchas negras, a única impressão que dele fica, parecem dançar diante de nossos olhos. Assim duas ideias tão opostas quanto se possa imaginar reconciliam-se nos seus extremos, e ambas, a despeito de suas naturezas contrárias, são levadas a convergir na geração do sublime (BURKE, 1993, p. 87).

Nas três imagens anteriores, identificam-se os elementos do sublime conforme delineados por Burke. Isso é evidente ao retratar uma floresta sombria numa noite de verão, onde a luz da Lua penetra entre as folhas das árvores, criando um ambiente tanto sublime quanto assustador. A presença da personagem vestida de branco, contrastando com o ambiente, sugere a figura de um fantasma, evocando diversas camadas de interpretação que podem variar entre o real e o imaginário, dependendo da experiência do leitor ou dos próprios personagens. Portanto, as imagens proporcionam espaço para uma variedade de interpretações, que podem ser moldadas pela imaginação do leitor.

A abordagem teórica deste estudo se baseia nos elementos literários destacados no contexto do gênero mangá. O foco da análise neste tópico reside na intersecção do conceito de estranho (*uncanny* ou *unheimlich*) de Freud com a narrativa ficcional dos quadrinhos de estilo oriental, especificamente os criados por Karuho Shiina. A análise é construída a partir de fundamentos psicanalíticos, explorando as múltiplas perspectivas de leitura que esses dois domínios de estudo oferecem, o que abre caminho para uma série de indagações sobre a formação da crítica literária e sua relação com os temas abordados pela psicanálise.

Além de investigar o conceito de estranho conforme definido por Freud, este estudo também contempla uma aproximação com o conceito de fantástico, conforme definido por Todorov. Para este teórico, o termo “fantástico” transcende a mera conveniência, assumindo um papel fundamental na análise e interpretação das obras. Todorov, diz que “o fantástico é um meio de combate contra outra censura: os desmandos sexuais serão mais bem aceitos por qualquer espécie de censura se forem inscritos por conta do diabo” (TODOROV, 2007, p.167).



É importante ressaltar que nesta análise não se abordam questões de sexualidade. No entanto, é relevante mencioná-las. Nesse sentido, ao fazer essa observação, Todorov ainda sustenta o argumento de que,

Num mundo que é exatamente o nosso, [...] produz-se um acontecimento que não pode ser explicado pelas leis deste mesmo mundo familiar. [...] ou se trata de uma ilusão, [...] ou então o acontecimento realmente ocorreu [...]. O fantástico ocorre nesta incerteza; ao escolher uma ou outra resposta, deixa-se o fantástico para entrar num gênero vizinho, o estranho ou o maravilhoso. O fantástico é a hesitação experimentada por um ser que só conhece as leis naturais, face a um acontecimento aparentemente sobrenatural. (TODOROV, 2007, pp. 30-31)

Figura 3 – Estranhamento adolescente



Fonte: (Karuho Shiina, 2011, p. 9)



Seguindo a linha de pensamento de Todorov acerca das leis que regem o mundo familiar e as incertezas que permeiam o universo fantástico, é evidente na cena em questão a relação das duas personagens com o desconhecido, personificado pela aparência de Sawako. A pesquisa de Freud sobre o “uncanny” está intimamente ligada ao que Todorov propõe. Podemos identificar dois princípios fundamentais relacionados à estranheza da personagem. O primeiro princípio reside na expressão facial que ela apresenta diante de suas colegas de escola. É notável que essa expressão é inconsciente, já que ela não percebe a estranheza que suas ações suscitam. Em segundo lugar, sua expressão contrasta com a das colegas, que é considerada familiar e não se alinha com a referência ao “uncanny” e ao fantástico.

Segundo Freud, a experiência que o sujeito vivencia ou imagina é simultaneamente estranha, suscitando temor, e familiar, pois está associada a uma memória esquecida ou inconsciente. Nesse contexto, a aparência da personagem pode ser considerada, pelos colegas, como algo assustador, porém também “familiar”, já que, essencialmente, ela não é diferente deles, e por algum motivo que desconhecem, eles a rejeitam ao mesmo tempo em que, de maneira inconsciente, se reconhecem nela. Em Todorov, o estranho é gerado por um evento que parece sobrenatural ou não natural, mas que, no final das contas, é explicado pelos conhecimentos que temos da natureza. Sawako enfrenta essa rejeição dos colegas devido à sua aparência peculiar, mas não é capaz de impressioná-los como poderia desejar, uma vez que não possui habilidades sobrenaturais, como sua aparência poderia sugerir.

Numa manhã qualquer, a personagem encontra-se no banheiro feminino, onde as alunas se reúnem para comentar sobre outras garotas (geralmente, fazendo comentários maldosos sobre Sawako). Sem perceber a situação, a protagonista tenta ser aceita e, de forma educada, se aproxima das colegas. No entanto, o estranhamento e o pré-julgamento em relação à aparência de Kuronuma as surpreendem, e elas fogem da personagem com medo de possíveis maldições.

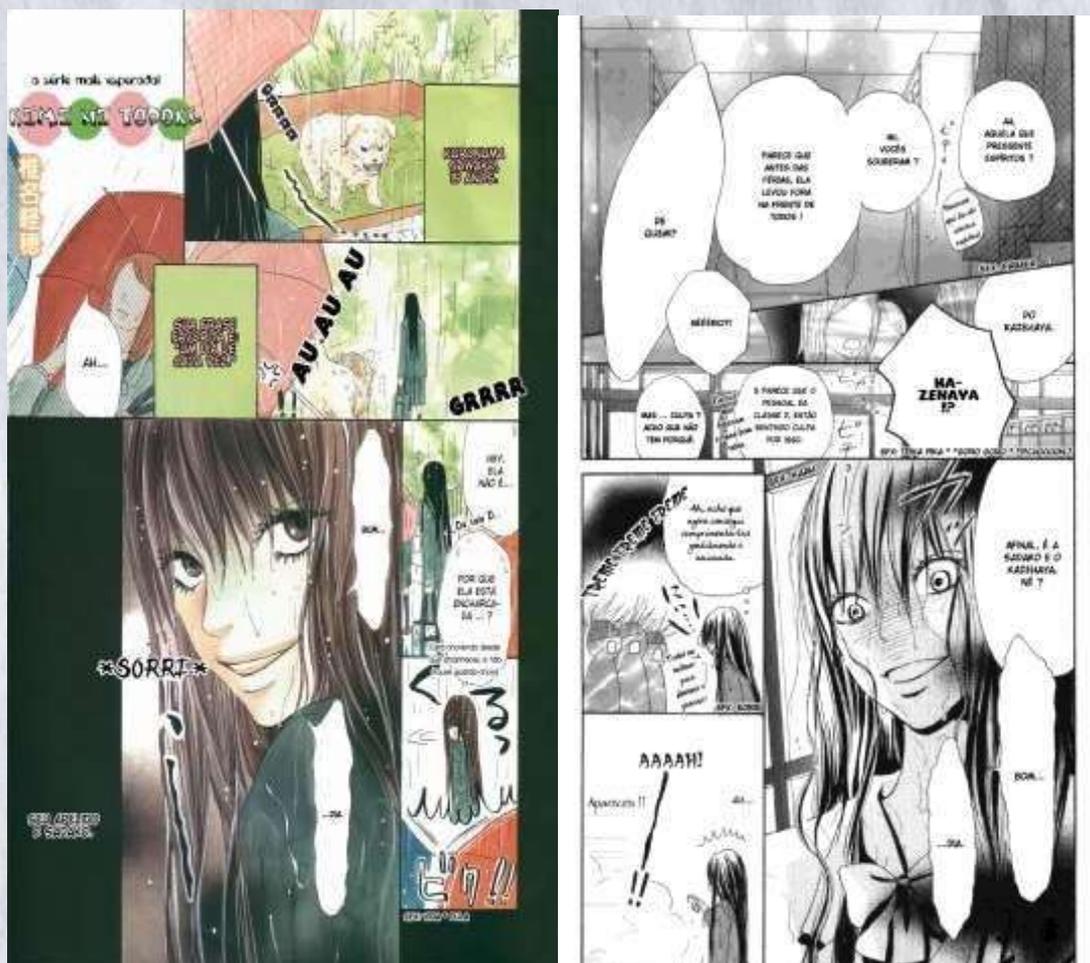
A crença de que poderiam ser amaldiçoadas advém da associação de Sawako com a personagem Sadako de “O Chamado”. De forma discreta, Sawako tenta explicar que seu nome não é Sadako e que não tem o poder de invocar espíritos. Contudo, o medo do desconhecido impede que suas palavras sejam ouvidas, tornando suas explicações irrelevantes. Nessa perspectiva, vemos a manifestação do conceito freudiano do “estranho-familiar”, pois os personagens rejeitam a aparência do outro ao perceberem nela o potencial para despertar desejos de autodestruição em si mesmos.



Uma semana após o incidente no banheiro, Sawako está a caminho da escola quando encontra um filhote de cachorro abandonado. Sem hesitar, ela deixa seu guarda-chuva para protegê-lo, chegando à escola completamente encharcada, o que novamente causa estranheza entre seus colegas em relação à sua aparência. O sorriso da personagem parece ter uma aura levemente diabólica, intensificando a sensação de estranheza para os outros, e sugerindo um elemento sobrenatural. Mais tarde, naquela mesma manhã, os colegas comentam sobre o estado em que Sawako chegou à escola.

Como a chuva começou cedo e todos os alunos saíram de casa com guarda-chuvas, para eles, o fato de Sawako não estar usando um indicava que ela poderia estar envolvida em algum tipo de ritual maligno e precisava caminhar sob a chuva. Nesse momento, torna-se evidente como a falta de compreensão da situação pode gerar mitos em torno da realidade, tudo isso alimentado pelo estranhamento que eles sentem em relação à personagem.

Figura 4 – construções sociais de estranhamento



Fonte: (Karuho Shiina, 2011, p. 67 e 72)



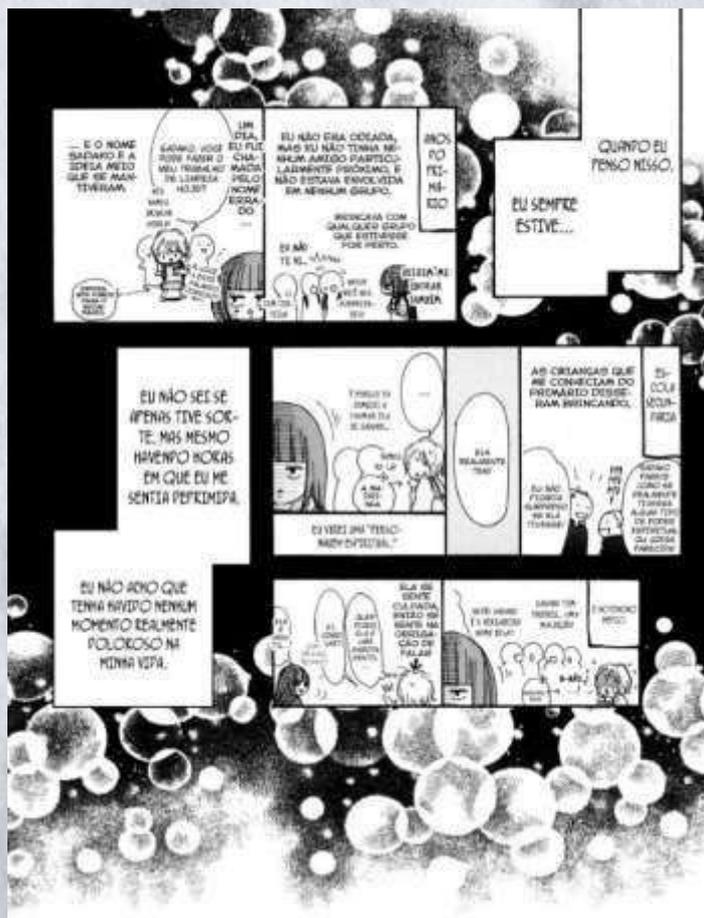
A tese em questão aborda a representação sinistra da figura feminina, explorando os conceitos de estranheza (*uncanny*) na trama de Karuho. Esta teoria está intrinsecamente ligada ao que é conhecido como opressão psicológica e de gênero, proveniente não apenas do poder patriarcal, mas de uma violência perpetrada por ambos os sexos contra a figura feminina. A ênfase na perfeição e nos atributos de delicadeza do padrão social de beleza feminina é constantemente reforçada pelos pares, possivelmente porque também estão inseguros em relação à sua própria conformidade com esse padrão. A partir dessa constante lembrança, é que eles exercem pressão sobre a protagonista.

A imagem de Kuronuma Sawako é uma interação complexa da dualidade presente na figura feminina, onde a bondade intrínseca da personagem, refletindo sua verdadeira natureza, é contrastada com a imagem moldada por Kazehaya, seu colega de classe, que ressalta aspectos maléficos atribuídos a ela. A representação da ambivalência de Sawako é gradualmente revelada ao longo da narrativa em quadrinhos. A “bruxa ambivalente” de *Kimi ni Todoke*, portanto, surge como uma construção gerada pelo desejo do outro.

O complexo e o temor da rejeição são os principais catalisadores da sensação de estranheza experimentada pela personagem em relação aos outros, especialmente em conexão com os desdobramentos da representação sinistra da figura feminina, o que sugere uma análise aprofundada do tema do duplo na personagem de *Kimi ni Todoke*. Essa relação com o duplo é manifestada pela capacidade da personagem de, em alguns momentos do drama, ser percebida como uma pessoa “normal” por seus amigos mais próximos, enquanto em outros momentos ela revela uma faceta mais sombria através de suas expressões corporais. Essa duplicidade possivelmente teve origem na infância da personagem e persistiu até sua vida adulta, formando uma instância psíquica que se manifesta em sua consciência, cujo propósito fundamental é criticar e censurar certos comportamentos. A imagem a seguir evoca a lembrança da personagem ao ser associada ao nome de Sadako:



Figura 5 – Sensação do duplo



Fonte: (Karuho Shiina, 2011, p. 53)

O desenvolvimento do duplo pode se desencadear pela habilidade de observação e crítica, que se manifestam na figura de Sawako (representada por um lado, enquanto do outro se projeta Sadako). O distanciamento em relação ao outro, especialmente os personagens menos próximos de Sawako, é mantido por meio dessa observação crítica. É crucial ressaltar que o conceito de "uncanny" está diretamente associado à construção da figura protagonista, que se baseia na ausência de perversidade. Esta formação faz com que sua imagem se torne simultaneamente estranha e familiar, mas não aceitável aos olhos dos demais personagens.



CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo das vertentes do insólito japonês em *Kimi ni Todoke*, de Karuho Shiina, proporcionou uma análise profunda das manifestações do sublime e do *uncanny* dentro do contexto da obra. Através da jornada emocional personagem principal, Kuronuma Sawako, foi possível observar como esses elementos são habilmente tecidos na narrativa em quadrinhos para criar uma experiência estética única e intrigante para os leitores.

A presença do sublime é evidenciada pela representação das emoções intensas e transcendentais experimentadas pela personagem principal, especialmente no que diz respeito aos sentimentos que estão presentes na floresta, e em como aquele ambiente se mostra cativante e belo, levando as cenas românticas presente na história. A mangaká utiliza elementos como a natureza e os momentos de introspecção para amplificar essas sensações, proporcionando uma atmosfera de grandiosidade e beleza que cativa o leitor.

Por outro lado, o *uncanny* se manifesta através das nuances sombrias e inquietantes presentes nas interações sociais e nos relacionamentos dos personagens. A ambiguidade das relações humanas e as sutis perturbações na ordem cotidiana contribuem para uma sensação de estranheza e desconforto, desafiando as expectativas do leitor e adicionando uma camada de complexidade à narrativa.

É importante destacar que esses elementos não atuam de forma isolada, mas, sim em constante interação, enriquecendo a experiência narrativa e explorando as nuances da condição humana. Através de *Kimi ni Todoke*, Karuho Shiina não apenas presenteia os leitores com uma história de amor e amizade, mas também os convida a refletir sobre os aspectos mais profundos e misteriosos da existência.

Em última análise, a narrativa em quadrinhos exemplifica a riqueza e a versatilidade do insólito japonês, demonstrando como ele pode ser empregado de maneira eficaz para explorar temas universais e transcender fronteiras culturais. Ao mergulhar nas vertentes do sublime e do *uncanny* em *Kimi ni Todoke*, os leitores são convidados a uma jornada emocional e intelectual que nos desafia a repensar nossas próprias percepções do mundo que nos rodeia.



REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BURKE, Edmund. **Uma investigação filosóficas sobre a origem de nossas ideias do sublime e do belo.** Campinas: Papirus, 1993.
- ECO, H. **A história da feiura.** Rio de Janeiro: Record, 2007.
- FREUD, S. **O inquietante.** In: Freud (1917-1920) “O homem dos Lobos” e Outros textos, obras completas volume 14. São Paulo: Companhia das Letras, 2010. Pág. 328-376.
- KAHURO, S. **Kimi ni todoke v. I.** Barueri: Panini Comics, 2011.
- KAHURO, S. **Kimi ni todoke v. II.** Barueri: Panini Comics, 2011.
- LUYTEN, S. B. **Mangá: o poder dos quadrinhos japoneses.** 3ª ed. São Paulo: Hedra, 2012.
- LUYTEN, S. B. (org.) **Cultura pop japonesa.** São Paulo: Hedra, 2005.
- SILVA, S. S. Eyre e Kuronuma: **Um olhar insólito em Jane Eyre, de Charlotte Brontë e Kimi ni todoke, de Kahuro Shiina.** In: XV Congresso Internacional da ABRALIC: *Textualidades Contemporâneas*, 2017, Rio de Janeiro. Anais Eletrônicos do XV Congresso Internacional da Abralic, Rio de Janeiro, 2017. V.2.p. 1930-1936.
- SILVA, S. S. **Sublime, uncanny e gótico feminino: Um estudo das personagens femininas em Jane Eyre, de Charlotte Brontë, e Kimi ni Todoke, de Karuho Shiina.** Marabá: Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará. (Dissertação de mestrado)
- TODOROV, T. **Introdução à literatura fantástica.** Trad. Maria Clara Correia Castello. São Paulo: Perspectiva, 2010.
- TORRES, S. **O Uncanny como Recurso Estético nas Artes-Plásticas.** Porto: Universidade do Porto, 2016. (Tese de Doutorado).